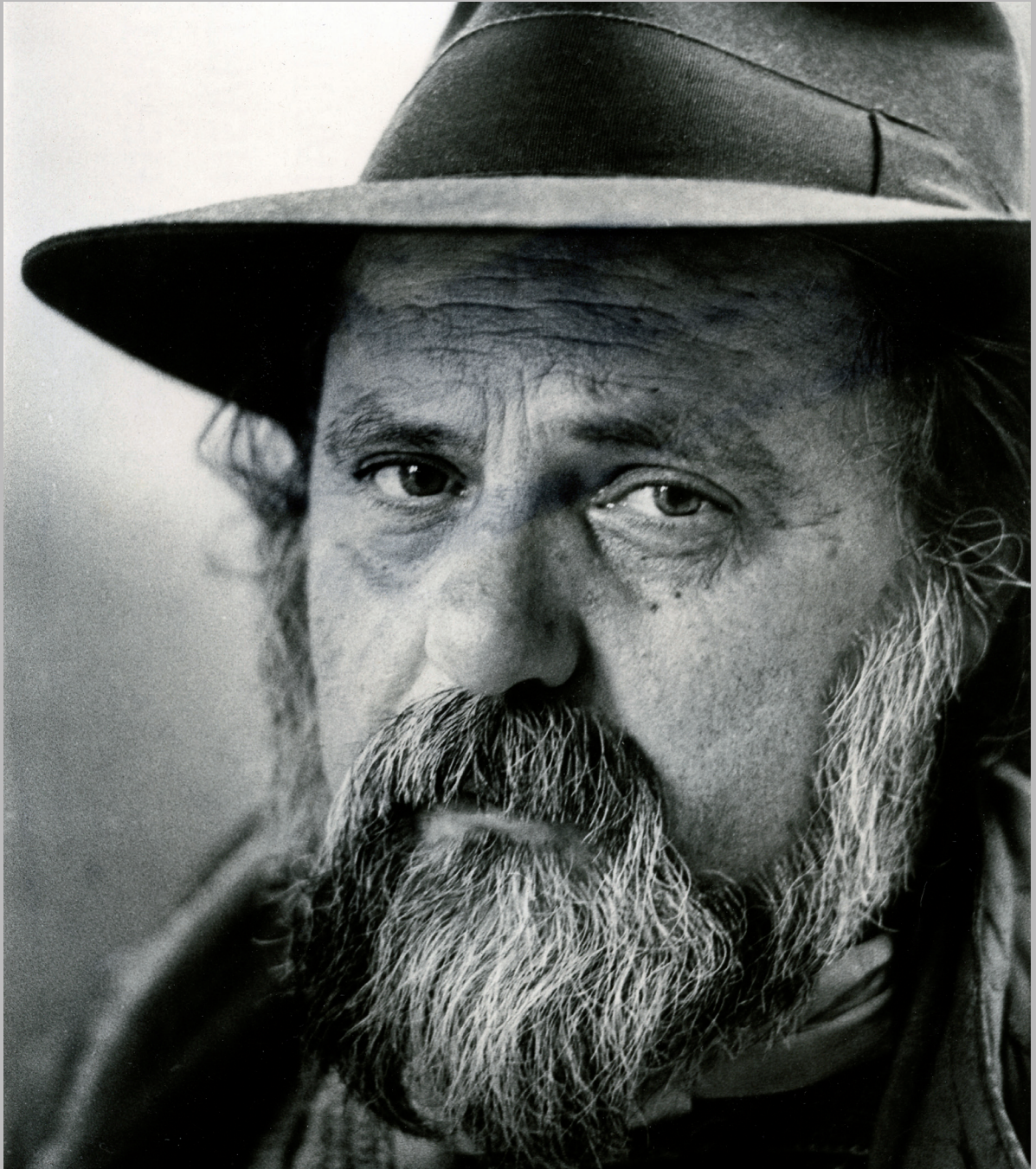


JOSÉ RODRIGUES



José Rodrigues realizou os seus estudos artísticos na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, onde concluiu o curso de Escultura. Com Armando Alves, Ângelo de Sousa e Jorge Pinheiro constituiu, em 1968, o grupo Os Quatro Vintes. Foi um dos fundadores da Cooperativa Cultural Árvore, no Porto, e um dos promotores da Bienal de Cerveira, tendo sido diretor geral da 6.ª edição (1988). Desde 1964 que expõe individualmente em diversas cidades no país e no estrangeiro. Além da escultura dedica-se igualmente a outras expressões artísticas. Faz ilustração para livros de escritores e poetas como Eugénio de Andrade, Jorge de Sena, Vasco Graça Moura. Produz cerâmica e medalhística. É um dos maiores nomes das artes plásticas portuguesas.

JOSÉ RODRIGUES, O PATRIARCA

José Rodrigues ocupa no panorama das artes plásticas portuguesas uma posição singular. Ele é, a meus olhos, uma espécie de aprendiz sem mestre. Mestre, ele próprio, de si próprio, autor duma gramática pessoal de formas incomparáveis, donde emerge, sem esforço, a clara afirmação da beleza intemporal. Tendo percorrido com brilhantismo os caminhos da Escola Superior de Belas Artes do Porto (foi, como se sabe, um dos chamados “4 Vintes”), José Rodrigues vai buscar os temas e motivos da sua arte aos arquétipos e à memória cultural do Ocidente, onde se cruzam reminiscências bíblicas, clássicas, orientais.

Escultor, usou nas suas figurações todos os materiais ao alcance da mão - a pedra, o mármore, a madeira, o barro, o bronze -, a que o pulso e o cinzel deram forma - as formas ditadas por uma imaginação e criatividade sem freios, postas ao serviço do seu estro criador. É para os desenhos, todavia, isto é, para o lápis, o carvão, as tintas e o papel que, a meu ver, transborda mais nítido, mais límpido e estuante o sopro criador do artista. As séries que, de modo recorrente, dedicou aos temas bíblicos, corporizando, na tela ou no papel, as figuras da Sulamita, Salomé e outras figuras femininas que atravessam as páginas da Bíblia, são a plena demonstração da capacidade (re)criadora de José Rodrigues. Em todas elas, o que ressalta, através das metamorfoses da arte, é a sua atenção ao humano (ao que no destino do homem há de trágico, tantas vezes) e, no caso particular da mulher, a valorização do corpo como espaço de diálogo - do diálogo que, na sua obra, insistentemente estabelecem Eros e Tánatos, as duas forças míticas às quais está subordinado o destino humano.

Se, como escultor, a estética de José Rodrigues oscila entre o abstraccionismo geométrico e o expressionismo formal, como desenhador - que, já o vimos, frequentemente ele é -, os seus desenhos valem, sim, pela realização formal, mas também pelas alegorias de largo alcance e significado a que as personagens da história e da fábula dão corpo e sentido.

Vejo-o - julgo que sempre o vi - como um patriarca e um fauno de longas barbas brancas, perseguindo, no efémero, a secreta substância do real. Os seus cristos, os seus prometeus, os seus ícaros, as suas europas e as suas salomés são outras tantas formas de dizer o humano. Ou, por outras palavras, de, através do efémero, dizer o eterno.

Albano Martins | 2011

